

## **A UTOPIA DA EMANCIPAÇÃO FEMININA NA ESTRUTURA DO SISTEMA DO CAPITAL SOB A ÓTICA DE ISTVÁN MÉSZÁROS**

*THE UTOPIA FEMININE EMANCIPATION IN THE STRUCTURE OF THE CAPITAL SYSTEM UNDER THE OPTICS OF ISTVÁN MÉSZÁROS*

Giovana Estela Vaz dos Santos<sup>1</sup>  
Ellen Braune Reis Silva<sup>2</sup>  
Eliana Bolorino Canteiro Martins<sup>3</sup>  
Fernanda de Oliveira Sarreta<sup>4</sup>

### **RESUMO**

A proposição deste ensaio teórico é a de realizar considerações acerca do sistema do capital, investigando o processo que abarca o verdadeiro significado da emancipação ou da liberação feminina, diante da realidade enfrentada pelas relações sociometabólicas impostas pelo sistema. Compreende-se que a subordinação das mulheres no sistema hierárquico social não foi imposta pelo capital, no entanto, sua sistemática, ao longo dos tempos, reforçada pelas determinações do “microcosmo” da família nuclear estabelece uma relação dialética com o “macrocosmo” do sistema do capital. Ao passo que todas as relações desenvolvidas naquele ambiente tendem naturalmente a reproduzir o sistema organizacional do Estado, que se funda, necessariamente nas práticas discriminatórias, hierarquizadas e antagônicas. A reflexão se pauta a partir da ótica de István Mészáros, e pretende analisar as reais possibilidades, nesse cenário, da emancipação humana das mulheres quanto à efetiva possibilidade de exercício da igualdade substancial a despeito da mera igualdade formal já conquistada e documentada pelas cartas de direitos ao redor do mundo. O método dialético é utilizado para

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Serviço Social – UNESP/Franca na Disciplina de Tópicos Especiais: A Teoria da Crise Estrutural do Capital na Obra de István Mészáros (Professor Doutor Frederico Daia Firmiano). Advogada e Docente das disciplinas de Processo Civil e História do Pensamento Jurídico da Faculdade Doutor Francisco Maeda - FAFRAM

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Serviço Social- UNESP/Franca. Docente da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo- SEESP. Membro integrante do GEPESS (Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Serviço Social na área da Educação)

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) Faculdade de Ciências Humanas e Sociais- Campus Franca. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Serviço Social na Educação (GEPESS). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq – nível 2.

<sup>4</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Franca). Coordenadora (2017-Atual) do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social UNESP. Pesquisadora (2005) e Líder (2012) do Grupo QUAVISSS - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Política de Saúde e Serviço Social.

compreender a constituição da ordem social em sua base. Torna-se imprescindível o aprofundamento da temática para assimilar a formação da sociedade, questionando os lugares e origens da predisposição hegemônica nas relações entre diferentes grupos sociais.

**Palavras-chaves:** Emancipação Feminina. O Sistema do Capital. Igualdade formal e substancial

## **ABSTRACT**

The sentence of this theoretical essay is to reflect on the capital system and examine the process *that encompasses the true meaning of emancipation or liberation of women. It is assumed that the subordination of women to the social-hierarchical system was not imposed by capital, but its system is strengthened over time by the determination of the "microcosm" of the nuclear family and establishes a dialectical relationship to the "macrocosm" of the system of capital, while all relationships developed in this environment naturally tend to reproduce the organizational system of the state, necessarily based on discriminatory, hierarchical and antagonistic practices. The reflections are based on the perspective of István Mészáros and aim to analyze the actual possibilities of women's emancipation in this scenario in terms of the effective possibility of substantial equality, although formal equality has already been achieved and documented by the charters throughout World. The dialectical method is used to understand the constitution of the social order at its base. It is important to deepen the subject matter in order to assimilate social formation and question the places and origins of hegemonic predisposition in relationships between different social groups.*

**KEYWORDS:** *Female Emancipation. The Capital System. Formal and Substantial Equality*

## **1. O SISTEMA DO CAPITAL EM CRISE CÍCLICA- CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS**

Este ensaio teórico objetiva elucubrar, por meio de pesquisa bibliográfica, a situação da liberação feminina atrelada ao sistema do capital. A forma ensaística desse artigo é meio para compreender a realidade e a tensão entre o sujeito homem e os objetos: educação e trabalho. O ensaio, estudando o objeto em sua relação dialética, apreende-o em constante movimento. Sobre o ensaio teórico Adorno, (1986, p. 18) revela que “os critérios desse procedimento são a compatibilidade com o texto e com a

própria interpretação e também a sua capacidade de dar voz ao conjunto de elementos do objeto”.

O método utilizado é o dialético, pois, de acordo com Gil (2008, p. 13) “a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc”. A dialética oferece subsídios para reconhecer a ação do homem nos movimentos sociais. A inserção da cientificidade como instrumento de interpretação da realidade social permite conceber o homem enquanto sujeito agindo e modificando as relações sociais de construção de uma sociedade. Dessa maneira, o materialismo histórico dialético é enveredado, para compreender e explicar determinações ideológicas na construção da sociedade capitalista.

Para o materialismo histórico, a produção e o intercâmbio de seus produtos constituem a base de toda a ordem social. As causas últimas de todas as modificações sociais e das subversões políticas devem ser procuradas não na cabeça dos homens, mas na transformação dos modos de produção e de seus intercâmbios. Para Marx e Engels, a estrutura econômica (ou infra-estrutura) é a base sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, à qual correspondem determinadas formas de consciência social ou ideológica. O modo de produção da vida material é, portanto, o que determina o processo social, político e espiritual. Cabe ressaltar, entretanto, que essa relação infra-estrutura/superestrutura deve ser entendida dialeticamente. Não é uma relação mecânica nem imediata, mas se constitui como um todo orgânico, cujo determinante é em última instância a estrutura econômica. (GIL, 2008, p. 22)

Compreender a realidade atual mediante a análise das transformações históricas da relação do homem com o mundo, na vertente econômica, cultural, política, estrutural e do capital faz-se de suma importância para enveredar as problemáticas da esfera social na conjuntura holística e calcar uma superação da infraestrutura posta.

A crise estrutural, própria do sistema do capital, afeta todo o conjunto da humanidade. As relações das forças de produção são postas e ao mesmo tempo pressupostas em uma relação econômica burguesa compondo um sistema orgânico e garantindo a dominação do sistema social. As relações econômicas, no sistema do capital, são imbricadas de maneira que envolvem todos os elementos da sociedade chamada de ‘sistema orgânico’, tendo a dominação e a subordinação como pressupostos. Compreender a distinção

entre capitalismo e capital faz-se fundamental na perspectiva de compreender que apenas acabar com o capitalismo não seria suficiente para atingir um corpo social humanizado, pois à alienação e a regulamentação sociometabólica é pertencente ao capital, e este sistema precede ao capitalismo.

O capital torna-se o sistema orgânico global, garantido a produção generalizada de mercadorias, via desumanização dos sujeitos. A mercadoria adquire uma valoração irreal, permutando de uma relação de fruto do trabalho humano para uma 'vida própria', no fenômeno denominado por Karl Marx (2005) de 'Fetichismo da Mercadoria'. No fetichismo, as mercadorias são objetos de adoração, deixando de ser atribuído o valor de uso, de utilidade ao seu produto, imbuídos a estes um valor simbólico nos quais os consumidores querem ser associados.

O ato da compra e, por sua vez, do consumo, refletem uma reivindicação individual e coletiva de uma posição no sistema orgânico das relações sociais, mediando às interações humanas. No sistema orgânico as mercadorias são fetiches que expressam, em sua posse, o lugar do sujeito na sociedade.

Diante da conjuntura, a alta produção atinge o patamar insustentável pela escassez e exaustão dos recursos naturais. Nesse ínterim, há a ruptura no ciclo de produção e circulação de mercadorias. Nessa fase, a crise se instaura por esgotar sua parca capacidade de produção via agressão ao meio ambiente e utiliza, como estratégia do capital em crise, a destruição dos direitos do trabalhador. A crise, portanto, não é financeira, mas uma crise clássica de superprodução.

A Autossuficiência constitutiva do sistema adota como extração do sobretrabalho a mais-valia como viabilidade do capital emergir das profundas determinações de seu procedimento expansionista.

O sistema, orientado pela expansão e acumulação, redefine os espaços e o controle sobre a produção do valor das mercadorias, tentando superar as barreiras da crise da superprodução, no sentido da inovação. A evolução do capital, aparentemente incontrolável, sustenta-se, em seu fluxo, numa dinâmica evolutiva.

Os ciclos do sistema não possuem apenas a escassez de recursos como motivador das crises. As oscilações evidenciam que o capitalismo não é estacionário. No ciclo de crescimento da economia, o “boom” atinge o pico econômico ou a denominada “era de ouro” como prosperidade econômica, até que atinge uma crise, uma queda originando a recessão, fazendo com que o sistema volte à sua média. Quando o sistema cai além da média, na depressão, chega ao vale. E na recuperação, o sistema volta à média. A crise estrutural do capitalismo tende a ser, portanto, cumulativa sobre seus antecedentes históricos, incessantemente com o imperativo de controle do metabolismo social, fetichizando o valor das determinações do sistema expansionista na superação de suas limitações.

O sistema capitalista, desde suas origens, entre os séculos XV e XVI, sofreu transformações, modificou os espaços sociais, econômicos, políticos, educacionais e os espaços geográficos. Com o capitalismo comercial, intensificou-se a prática mercantilista e a troca internacional. A manufatura é desenvolvida a partir da Revolução Industrial, dando início ao Capitalismo Industrial, ocorrido em meados do século XVIII, intensificando a divisão do trabalho e a aglutinando a luta por matérias-primas ao redor do mundo. Houve o êxodo rural e a expansão da periferia para as capitais.

Com o capitalismo financeiro, marcado pela bolsa de valores, há a fusão entre o capital bancário e o capital industrial, além da especulação da bolsa de valores como termômetro econômico. Nessa fase, o investimento em ações e o chamado ‘Truste’ gera o oligopólio atual da fusão de grandes empresas, extinguindo a concorrência de grandes multinacionais.

Por meio dessa dinâmica do capital, países emergentes recebem a migração de empresas estrangeiras em busca de mão-de-obra mais barata, diminuindo os impostos, e o acesso fácil a matérias-primas.

A economia global é, portanto, cíclica e ocorre de maneira sincronizada, ligada diretamente às relações internacionais, possibilitando as alterações do cenário em diversos contextos. Quando a crise atinge um país, há reflexos no mundo inteiro, como a recessão e a depressão. E então, são adotadas medidas para a recuperação do sistema. De modo geral, o ciclo de crise marca o sistema do capital, principalmente por meio revoluções e

conflitos militares, políticos e civis. A hegemonia que o capital favorece é a apropriação do sobretrabalho e a intensificação da mais-valia.

No processo de viabilização do sistema do capital, o Estado oferece uma relação de complementariedade enquanto auxílio externo e favorece as minorias, possibilitando a sociorreprodução do capital. Nesse sentido, as necessidades humanas não são relevantes, constituindo apenas a produção através de sua força de trabalho. A sociedade heterogênea necessita de mediações em que crescem os antagonismos sociais.

Caracterizado por uma tripla fratura, em que a produção ocupa as três partes e subdivide-se em: 1) controle; 2) consumo e 3) circulação de produtos, o sistema do capital é considerado centrífugo, da pressão por parte antagonista. (MÉSZÁROS, 2009, p. 11).

Diante das contradições centrífugas internas, a mulher ocupa, historicamente, uma dimensão submissa de maneira contínua. Compreender a historicidade submissa da mulher implica em conhecer o próprio sistema do capital e a perversidade da alienante mediação.

Diante das circunstâncias, o homem enquanto condição de humano e a mulher, enquanto condição de gênero vão se distanciando da própria condição humana, desprovidos de sentido para a sua vida. O sistema sociometabólico do capital dá lugar às mediações de segunda ordem, privando as condições de humanização e, de maneira mais ampla, das conquistas da humanidade.

O complexo social reforça um controle social discriminatório e hierárquico, como princípio estruturador da sociedade.

## **2. AS RELAÇÕES DE PODER HISTORICAMENTE ESPECÍFICAS E A REPRODUÇÃO DOS MICROCOSMOS**

István Mészáros, falecido no ano de 2017, foi um filósofo húngaro que se dedicou a estudar a obra de Marx e é considerado um dos mais importantes intelectuais marxianos. Nascido em uma família simples e filho de mãe operária, pôde desde cedo vivenciar as mazelas sofridas pelas mulheres da classe trabalhadora. Assim que se tornou adulto, também operário desde a infância, Mészáros, passou a receber remuneração muito superior a de sua

genitora, fato que teria sido de extrema importância a fundamentar, anos depois, suas teorias acerca da impossibilidade da superação da desigualdade entre homens e mulheres em todas as instâncias, não só no que tange ao mercado de trabalho.

Em sua obra: “Para Além do Capital” (2002), Mézáros, dentre tantas outras temáticas, aborda a questão referente à igualdade formal e substancial relativa à questão da emancipação feminina e fundamenta sua inquietação em uma balada folclórica húngara do início do século XVIII, que descreve a mulher como a “argamassa” da sociedade, o “ser” mais importante para consolidar a família nuclear (microcosmo) como espaço de reprodução de comportamento na sociedade capitalista (macrocosmo).

A referida balada folclórica nos relata a história de um trabalhador (mestre-pedreiro) que, junto a outros trabalhadores é contratado para realizar a construção de uma fortaleza, em troca de uma quantia muito significativa de dinheiro. Ocorre que tal obra nunca se acaba, pois por algum motivo que lhes foge à razão, os muros desabam sempre que terminado o trabalho do dia.

Sendo assim, o grupo de trabalhadores percebe que o problema é a ausência de uma argamassa forte o suficiente para sustentar os tijolos e resolvem entre si (contrato social) que deveriam queimar a primeira esposa que chegasse ao canteiro de obras, para que, com suas cinzas pudessem criar a argamassa indestrutível e finalmente receber a remuneração pelo trabalho realizado (o que era, na verdade a única intenção daquela atividade). No dia seguinte uma das esposas surge e é comunicada acerca do trato realizado por seu esposo e o restante dos trabalhadores, fato que a deixa indignada, atordoada, chocada e revoltada. No entanto, por compreender a necessidade do término da construção da fortaleza e, por consequência do recebimento do pagamento pelo trabalho realizado, ela se entrega de forma resignada, reconhecendo sua missão de “argamassa” forte e indestrutível. Importante destacar que a mulher “argamassa” deixa um filho que não se conforma com o destino de sua mãe e acaba sucumbindo a seu lado num momento de desespero mútuo (2002, p. 304).

Pretende-se realizar, tomando de pano de fundo a balada descrita, uma breve reflexão acerca do papel da mulher na sociedade capitalista, bem

como suas formas de enfrentamento das desigualdades e a total impossibilidade de sua emancipação humana.

## **2.1 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE CAPITALISTA**

A balada húngara, tão tristemente contada por Mészáros (2002), nos proporciona inúmeras reflexões acerca da real situação das mulheres na sociedade capitalista, a começar pela sua própria concepção de ser subserviente e submissa à perversa lógica social.

A força do capital e sua necessidade de realização se expressa pela própria autolegislação imposta pelos operários, que mesmo correndo o risco de perder sua família, se submetem à essa relação sociometabólica que não encontra limites dentro da sociedade capitalista. Conforme entendimento do autor, a história narrada não nos relata apenas a realidade das mulheres, mas de toda a humanidade que diante da cruel dominação do capital, acaba se submetendo às mais variadas ordens de escravização.

É evidente que a produção de valor em uma sociedade é sempre bem-sucedida quando encontra condições de dominação devidamente amparada por poderosos fatores ideológicos de manutenção da ordem social já existente. Por essa razão, a lógica de dominação e submissão da mulher é fato intangível quando se destaca sua função de “argamassa” social e membro fundamental para a manutenção da unidade familiar capitalista.

Não há como negar o fato de que a mulher, na sua condição de desigualdade dentro do núcleo familiar, reproduz a lógica de dominação hierárquica imposta pela sociedade a todos os seus membros. É na família que aprendemos a cumprir os contratos sociais e a compreender a principal regra imposta pelo capital: não existe relação de igualdade entre burguesia e proletariado. Nesse contexto, a mulher exerce função fundamental e até mesmo pedagógica da lógica capitalista.

## **3. A IGUALDADE FORMAL E A UTOPIA DA IGUALDADE SUBSTANCIAL**



A entrada no mercado de trabalho, de forma massiva, pelas mulheres ocorre especialmente no século XX em razão das grandes guerras, portanto em decorrência de uma necessidade do próprio capital, que não pode prescindir de mão de obra urgente (já que os homens morriam ou voltavam inválidos da guerra), barata e desesperada em razão dos infortúnios sofridos. As mazelas humanas sempre apresentam ambiente propício para a subordinação do mais fraco. Fato é que, a entrada das mulheres no mercado de trabalho não gerou qualquer tipo de igualdade entre homens e mulheres, ao contrário, permitiu que a grande oferta de mão de obra baixasse seus salários a limites degradantes, confirmando a teoria da hierarquização e dominação da sociedade capitalista.

Necessário se faz acrescentar que a mulher passou a se submeter a remuneração inferior em relação ao homem e continuou a exercer, de forma gratuita, seu trabalho dentro da família, confirmando a lógica perversa e sociometabólica da desigualdade imposta pelo capital, que depende de sua perpetuação de reprodução de comportamento no microcosmo das famílias nucleares.

As mulheres conquistaram direitos relativos à igualdade formal, mormente em relação ao voto e à venda de sua mão de obra. No entanto, tais conquistas não significam, em absoluto, qualquer possibilidade de emancipação humana. De acordo com Marx (2010, p. 51), a emancipação diz respeito à superação do homem pelo próprio homem, extinguindo-se a divisão de classes na perspectiva do capital.

Nenhuma conquista significativa de fato ocorrerá enquanto não conseguirmos efetivar mudanças na base estrutural da sociedade quanto ao controle do trabalho e à estrutura de dominação e hierarquização de classes.

Para Mészáros (2002), o alcance da efetiva emancipação feminina depende, primordialmente, da extensão do poder nas mãos de todos os seres humanos, exigindo o estabelecimento de uma ordem de produção e reprodução sociometabólica alternativa radicalmente diferente, que abrangesse todo o quadro de referências e as microestruturas que constituem a sociedade. E é nesse sentido, que se entende utópica a possibilidade de alcance da igualdade real e substantiva de direitos entre homens e mulheres na sociedade capitalista.

A igualdade formal (prescrita pela lei) não é capaz de *per si* garantir os direitos das mulheres e a igualdade substancial está adstrita aos ditames sociais de subordinação e hierarquização da mulher, não só na ordem macrocósmica, mas também, e principalmente, nos núcleos familiares tão necessários para a manutenção do *status quo*.

A mulher, por excelência, sofre com a precarização do trabalho em razão da divisão sexual dos empregos, uma vez que sobre ela paira a obrigação socialmente imposta, desde sempre na história da humanidade, de ser responsável pelos cuidados da família e manutenção de sua ordem nuclear. Sendo assim, em nome da conciliação entre a obrigação de ser a “argamassa” familiar e sua vida profissional, acaba sendo forçada a aceitar resignadamente, como a esposa do mestre-pedreiro, da balada húngara contada por Mészáros (2002), seu destino de submissão a empregos mal remunerados, precarizados, sem carteira assinada, de regimes parciais, etc.

A total impossibilidade da conquista de tratamento igualitário tem surtido efeitos, inclusive, quanto à liberdade das mulheres, que precisam avaliar as consequências da maternidade num ambiente social sórdido que as escravizarão de forma superlativa em decorrência de sua decisão de constituir família, uma vez que, além de auferir os menores salários, deverá se responsabilizar integralmente pela manutenção da ordem nuclear familiar destinada a reproduzir de forma imperativa as mazelas do sistema capitalista.

Mészáros, ao refletir acerca da impossibilidade da alteração do *status quo*, assevera que:

Somente dessa maneira foi possível manter a dominância e a continuidade da ordem existente, assegurando não apenas a reprodução de cada membro da sociedade, mas de toda a própria estrutura em que ocorrem todas as funções reprodutivas, ou seja, no sistema estabelecido de divisão do trabalho. Neste contexto, devemos nos lembrar do papel decisivo atribuído à família na perpetuação das relações discriminatórias da propriedade e o correspondente sistema de valores da ordem social dominante (de um lado do divisor social, orgulhosamente dominante, e do outro, devidamente submisso). (2002, p. 295)

Assim, a ideia utópica de alcance da igualdade substantiva entre homens e mulheres se esbarra na concepção perversa da divisão hierárquica do trabalho, fundada na necessidade premente da submissão de uma classe social a outra. A distribuição desigual do trabalho e de seu produto

fundamenta o referencial da escravidão perpétua entre classe dominante e classe dominada, burguesia e proletariado. Essa relação simbiótica e metabólica se faz necessária à perpetuação das estruturas de produção e reprodução do capital.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A reflexão empreendida a partir das considerações realizadas por Mészáros (2002) em análise à real possibilidade à liberação das mulheres e conseqüentemente ao alcance de uma igualdade substantiva, nos deixa clara a percepção de que o capitalismo e a luta pela emancipação feminina sempre caminharam e continuarão a caminhar em dimensões opostas. Isso ocorre, uma vez que a preservação do sistema capitalista, opressor por natureza, depende da força de trabalho da mulher que se submete à desvalorização de sua mão de obra e de sua dignidade em nome da manutenção da ordem social estabilizada no núcleo familiar, alicerce da sociedade.

Mudanças significativas em todas as esferas da sociedade deverão ocorrer para que alcancemos uma real igualdade substantiva. Alterações dramáticas em toda a estrutura de produção e reprodução social com vistas à superação de toda a estrutura hierárquica já instituída deverão ser implementadas, não somente na ordem macro, mas na microcós mica também, e principalmente nesta, uma vez que a família é responsável pela perpetuação das reproduções de hierarquia e dominação estabelecidas pela sociedade.

A lógica capitalista não permite que as mulheres conquistem, de fato, uma situação de emancipação humana por questões sócio-históricas desde sempre. No entanto, não se pode descartar todas as conquistas já alcançadas, ainda que na esfera puramente formal. A luta pela efetividade da igualdade entre homens e mulheres está intimamente ligada às questões sociais, ideológicas e políticas intrinsicamente sobrepostas à supremacia patriarcal da sociedade e qualquer possibilidade de ruptura dessa lógica simbiótica deve, necessariamente, perpassar por uma modificação social completa.

Tal modificação não se limita apenas à liberação feminina, mas também à percepção totalizadora da necessidade de mudança de toda a

sociedade, de homens e mulheres em especial da classe trabalhadora, que através de um olhar fundamentado na equidade e dignidade humana pode alcançar, não sem lutas e resistências, alguma forma de emancipação humana para todos.

A emancipação feminina se apresenta utópica pelas razões expostas, uma vez que a alteração da ordem social, diante de uma sociedade fundada nos anseios do capital não tem condições de encontrar saída às determinações sociometabólicas impostas pelo mercado. No entanto, a luta deve prosseguir e a esperança de conquistas substantivas de igualdade deve continuar a permear nossos sonhos de emancipação entre todos os seres humanos e que essa desejada humanidade possa, de fato, nos levar à realização da felicidade real. Uma estratégia importante para tal feito é a luta pela emancipação política juntamente com a luta pela desconstrução do preconceito.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. (1986). O ensaio como forma. In G. Cohn Org. **Sociologia: Adorno**. São Paulo: Editora Ática

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008

MÉSZÁROS, István. **A liberação das mulheres: a questão da igualdade substantiva**. In: Para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2002

\_\_\_\_\_. **A Crise Estrutural do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Centauro Editora, 2005

\_\_\_\_\_. **Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma de social” de um prussiano**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.